

# Em que momento uma recessão se transforma em depressão?

Kurt E. Weil (\*)

O professor Robert Z. Aliber, da Universidade de Chicago, previu em livro do fim da década de 70 que



o Brasil não conseguiria pagar a sua dívida a partir de 1984. Errou por um ano. Passou recentemente pelo Brasil, para observar o que o monetarismo conseguiu, depois de ter visitado Chile e Argentina e visto ali os resultados da política restritiva. Achou o custo de vida no Brasil ainda muito barato, manifestou-se a favor de mais maxidesvalorizações, e respondeu a algumas perguntas. Entre elas, uma do autor deste artigo, que lhe perguntou qual a diferença entre recessão e depressão. Esqueci de adicionar "durante o processo", pois a causa mortis do doente, verificada na autópsia, é sempre dada como depressão. A resposta veio rápida — até 15% de desemprego é recessão, acima disso é depressão.

Mais uma vez devemos recorrer à história da economia mundial. Explicar a teoria da depressão é voltar à depressão americana e ler "Monetary History of the United States", de Milton Friedman e Anna Schwartz. Friedman acredita que o pânico bancário de 1930 fez com que o povo perdesse a fé nos bancos, que ficaram então com menos dinheiro em mãos. A moeda em circulação caiu 30%, a demanda de bens e serviços pelo consumidor caiu, a produção teve de ser cortada e o desemprego subiu. Até pouco tempo atrás, esta era a única teoria disponível para explicar a queda de produção e do emprego durante uma crise financeira.

da de depósitos. Até 1933, muitos bancos tinham falido. Também as cadernetas de poupança faliram em grande número. Devido a isso tudo, os fundos disponíveis para empréstimos diminuíram consideravelmente, muito mais do que os depósitos. Isto porque houve também grande número de falências de empresas devedoras. Em 1934, 38% de todas as hipotecas urbanas, nos EUA, estavam inadimplentes. Estavam inadimplentes também metade dos agricultores e 37 estados da União. Devido a essa onda de falências e às dívidas incobráveis, os bancos pararam de emprestar. E assim os bancos colocaram o seu dinheiro na segurança dos papéis do governo, de grande liquidez, absolutamente seguros. Por exemplo, obrigações do Tesouro americano.

Neste ponto, pergunta-se como tal situação se relaciona com o Brasil da recessão dos anos 1981, 82 e 83. Um sintoma é evidente

— tanto os bancos quanto os empresários já perceberam que a segurança e liquidez estão nas Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional. Isto drena o suprimento de dinheiro, e este cada vez menos flui para as mãos dos empresários necessitados de crédito. Eles, aliás, também não querem empréstimos, pois as taxas de juros cobradas são tais que não compensa trabalhar — é melhor deixar passivamente o dinheiro trabalhar.

Essa situação estimula algumas reflexões. Uma vez que comece uma crise, ao contrário do que foi feito em 1930, o governo deve ajudar ativamente no sentido de que o crédito continue. Nós tivemos algumas tímidas tentativas no Brasil, logo abafadas, como o já abandonado controle dos juros. Os monetaristas acham que nenhuma crise financeira pode levar ao desastre enquanto o suprimento de dinheiro crescer. Mas crescer para ficar nas letras do governo? Acredi-

to que não adiante. Diz Bernanke: "A interrupção do fluxo de capitais para o mercado não governamental de crédito, durante uma crise financeira, é mais uma ameaça à estabilidade econômica geral".

E há no Brasil uma segunda ameaça, que o economista americano não pode conhecer. Diminuindo os depósitos bancários para que o dinheiro a prazo de trinta dias renda juros e correção nas cadernetas de poupança, vai reduzir-se ainda mais o fluxo de dinheiro. Ao mesmo tempo, opera-se uma diminuição da receita individual, pelo aumento dos impostos (proporcionalmente) e o achatamento dos salários. Vemos, então, que uma política claramente recessiva se torna esplendorosamente depressiva.

Uma depressão marca psicologicamente o povo. Esta é uma observação minha nos EUA, onde as gerações dos anos 20 e 30 produziram, nos anos 50, empresários e professores, de 40 e

60 anos, marcados pelo medo. Leia-se Galbraith, que recorda: nessa época, qualquer decisão do governo evocava um fantasma: o desemprego vai voltar?

E, então, o Brasil? Como ficará uma nação que tem de crescer, criar empregos, aperfeiçoar a saúde pública, cuidar do Nordeste, amparar velhos e desempregados — tudo em um quadro de pessimismo desesperado? Recusando o governo a proposta de parte da Igreja e de parte da burocracia, no sentido de redistribuir a pobreza, o povo só fica com o desespero depressivo.

Ao contrário, o povo tem de acreditar no futuro. Como me disse uma vez um chofer de táxi: "Sou analfabeto, mas meus três filhos estudaram aqui em São Paulo". A mobilidade social ainda deve ser possível. Não quero entrar em outro táxi e ouvir: "Sou engenheiro, mas meus três filhos não vão estudar, devem ser negociantes e colocar o dinheiro na caderneta

de poupança". Esse será o caminho mais rápido para o fim (e pessoas como o engenheiro-chofer já existem).

Como seria o abismo da depressão em um país em desenvolvimento? Como na ilha do Dr. Moreau, de H. G. Wells, os animais transformados em pessoas pelo médico louco, abandonam os modos civilizados e voltam à floresta.

É bom lembrar-se como era a vida antes da industrialização, com alguns poucos empregos nas tecelagens e fiações, fábricas de sabão, etc., e os navios trazendo todos os artigos do exterior. A empregada doméstica era barata, e o futebol era a salvação nacional. Talvez volte a sê-lo, mas parece difícil — a burocracia estabeleceu-se até no "nobre esporte bretão", como naquela época era chamado — e o desespero será total.

(\*) Professor da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo

O professor Bern Bernanke, da Universidade de Stanford, ampliou e melhorou a teoria de Friedman em artigo publicado na American Economic Review. Em poucas palavras, Bernanke juntou o binômio "crédito e confiança" à teoria de Friedman. Resumidamente, trata-se do seguinte: o pânico bancário de 1930 produziu uma corrida aos guichês, para retira-